

# EM TORNO DO E DA QUESTÃO\*

Eduardo Vidal  
Escola Letra Freudiana (RJ)

## RESUMO

Não se trata de supor que os poetas já “sabiam” o inconsciente “*avant la lettre*”. Há escrita no inconsciente e a Literatura ainda se escreve com letras. Escreve-se, no entanto, de modo análogo em um discurso e em outro? A letra é efeito de discurso e difere, portanto, em cada um deles, diferença que repousa na função do que se lê, literalmente. Há um real específico na Psicanálise que o discurso analítico possibilita, com a letra, escrever.

## PALAVRAS-CHAVE

o inconsciente como escrita, ex-sistência do inconsciente,  
a letra nos discursos

Proposta instigante a deste encontro, pensarmos entre Literatura e Psicanálise o e da questão. A sutileza, a meu parecer, encontra-se na questão que subverte a intuição primeira de que existiria algum tipo de relação ou nexos entre essas duas práticas da letra. No entanto, o acento recai sobre o elemento que conjuga os dois termos que, por ser da ordem de uma conjunção, reúne ali onde há separação. Na dimensão de interrogação proposta, desejaria localizar a data de 1907 como um momento inaugural dessa intersecção. Nesse ano, Freud publica seu estudo sobre a *Gradiva* de Jensen. Sabemos que as referências à Literatura constituem o estofado que dá consistência ao discurso do inconsciente: na dramática de Sófocles com que se forma o núcleo do Édipo, no enigma trágico de Shakespeare, onde virá a indicar-se o lugar do sujeito da enunciação, na matéria significativa de Heine, com que opera o chiste. Mas o passo da interpretação de uma obra literária é franqueado com a *Gradiva*. Essa primeira aproximação estabelece uma relação de analogia no campo da escrita.

Com efeito, não há melhor analogia para o recalque, pelo qual o anímico se torna inacessível e ao mesmo tempo se conserva, que a do enterro como foi o destino de Pompéia e do qual a cidade pode resultar depois pelo trabalho do escavador.<sup>1</sup>

---

\* Texto apresentado no Colóquio LIPSI: Literatura e Psicanálise: o E da questão, dia 7/9/2003.

<sup>1</sup> FREUD, S. El delirio y los sueños en la “Gradiva” de W. Jensen (1907[1906]). In: *Obras Completas*, 1999, p. 34.

Um indício só é suficiente para o recalcado fazer seu retorno. Norbert Hanold, personagem de ficção, faria a escolha da arqueologia levado, sem o saber, pela atração que exercia nele o baixo-relevo de um passo gravado ali para sempre de uma mulher nomeada *Gradiva*, por detrás da qual, sem que a semelhança seja reconhecida, se insinua outra mulher, esta viva, Zoe Bertrang. Sobre a escrita de uma ausência, Freud correlaciona o destino de uma Pompéia soterrada sob a lava do vulcão e o sepultamento das marcas que fundam o inconsciente.

O poeta e o psicanalista perseguem a função de um vestígio que, ao modo de um enigma, produz uma escrita que permanece e se lê. Assim, a escrita do poeta reencontraria a do inconsciente onde o rastro remete a um objeto perdido de uma satisfação primeira. Como num decalque, o objeto intangível deixa sua marca à espera de um leitor por vir que dirá que ela ainda existe. Freud não deixa de se surpreender diante da perspicácia do escritor que, alheio a qualquer “conhecimento” da teorização da Psicanálise, escreve com a matéria do sonho e das idéias obsedantes o âmago de sua obra. E, mais ainda, que a narrativa se sustente sobre um passo de significante no qual *Bertgang* resulta ser uma tradução da *Gradiva*, a que avança.

Pois o ponto em que os textos se enlaçam é precisamente o do saber do inconsciente suposto ao autor, tal como Freud o declara no parágrafo que transcrevemos.

Como chegou o poeta ao mesmo saber que o médico ou, ao menos, a se comportar como se soubesse a mesma coisa?<sup>2</sup>

Os efeitos do estudo da *Gradiva* sobre a incipiente comunidade de analistas podem ser escutados na sessão da Sociedade Psicanalítica de Viena do dia 13 de fevereiro de 1907, consagrada à discussão do “Despertar da Primavera”, de Wedekind.

Coube a Retler officiar de apresentador da peça e seu comentário se inscreve no que podemos denominar de leitura de atribuição, que consiste em distribuir o saber da Psicanálise entre os personagens e as situações do drama. Moritz se correlacionaria com o auto-erotismo, Melchior com a escolha de objeto sexual, Wendla com as tendências masoquistas. A ficção demonstraria diversos pontos da teoria, sexual no caso. A pretensa correspondência entre textos e discursos ocasiona um velamento dos pontos opacos existentes de cada um deles.

Freud se mantém a uma certa distância dessa leitura, considerando incorreta a atribuição da fantasia da rainha sem cabeça e o rei com duas à representação da bissexualidade. Decide-se pela leitura poética do significante onde “não ter cabeça” aponta para a radical impossibilidade de aprender, apreender um saber, o que deixaria Moritz na impotência, antecipando seu trágico fim. Wedekind consegue fazer passar no texto “seu profundo conhecimento da sexualidade” e, como no caso de Jensen, o trabalho de escritor não obedece a uma razão consciente e, sim, ao inconsciente, lugar onde esse saber se plasma e começa a se escrever.

O drama de Wedekind, no dizer de Freud, mais do que uma obra de arte, constitui “um documento na história da civilização”.<sup>3</sup> Esta apreciação localiza a obra nas condições

---

<sup>2</sup> FREUD, S. El delirio y los sueños en la “Gradiva” de W. Jensen (1907[1906]). In: *Obras Completas*, 1999, p.46.

<sup>3</sup> FREUD, S. Reunión científica del 13 de febrero de 1907. In: *Actas de la Sociedad Psicoanalítica de Viena*. Tomo I: 1906-1908, p. 133.

necessárias, no final do século XIX, para a emergência de um novo discurso sobre a sexualidade. O ateísmo em Wedekind está em consonância com a perda, no campo do simbólico, da autoridade parental, já que a fé em Deus coincide com a fé na figura paterna. O drama pode fazer surgir a hiância da função do pai que possibilitou escrever o despertar do sexo no mistério da linguagem. Freud comenta ainda que Wedekind “dá provas de aguda observação quando apresenta o desejo de amor objetual sem eleição de objeto em Melchior e Wendla, que não estão apaixonados um pelo outro.”<sup>4</sup> O “Despertar da Primavera” constitui um documento raro da emergência, no discurso, de um sexo, que prescinde dos engodos do amor para se dizer. Na *Gradiva* de Jensen, a Psicanálise supõe uma relação de analogia com o operar do inconsciente. O efeito metafórico no inconsciente, seu modo poético de funcionar tanto no trabalho do sonho como no chiste sustentam essa analogia. O sonho, ao ser tomado como um texto que demanda uma leitura, institui a suposição de uma escrita operando no inconsciente. A noção de *Bahnung*, trilhamento, no Projeto de 1895 como a de *Spur*, rastro, na *Interpretação dos Sonhos*, de 1900, constituem o suporte e determinam uma leitura do inconsciente como um aparelho de escrituras. As camadas de lava de Pompéia, que conservaram intacto o vestígio de um passo, metaforizam as marcas do objeto sempre faltante que nos faz sonhar. Já o “Despertar” de Wedekind traz para a escrita a dimensão do sexo na sua opacidade de pulsão, como deriva de gozo. Em 1907, os discursos falavam entre si e os primeiros psicanalistas encontraram, surpresos, suas teorias confirmadas pela ficção.

1974, 1º. de setembro. Lacan entrega seu prefácio ao “Despertar da primavera” que estava sendo encenada nesse outono em Paris. As datas são relevantes, pois, no hiato, no entretempo, a função da letra no discurso analítico não será mais a mesma. Em 1907, o texto literário era, em princípio, interpretável sob a égide da significação. Em 1974, o discurso analítico confere outro lugar à letra e ao escrito. O furo é circunscrito pela lógica que convém ao despertar do sexo no inconsciente. Não é sem o despertar do sonho, cuja função primordial é preservar o sono, que os jovens podem fazer amor com as meninas. E o drama de Wedekind escreve a relação entre o sentido e o gozo. Nesse ponto reside, para Lacan, a diferença entre a dramaturgia e a experiência da análise. “Que esse gozo seja fálico, é a experiência que responde por isso. Mas Wedekind é uma dramaturgia. Que lugar dar-lhe?”<sup>5</sup> Lacan faz o corte, ainda hoje necessário, entre os discursos. O inconsciente não se encontra em todo lugar. Ex-siste ao discurso que o instaura, o analítico. O gozo é nomeado fálico na experiência analítica que o circunscribe, não sem pontuar sua função de suprir a não relação sexual entre os parceiros falantes. É daí que provém a exigência lógica do *todo* que se sustenta na realidade do fantasma. Podemos inferir, a partir dos diversos comentários, que no grupo de Freud alguns permaneciam enlaçados ao fantasma do todo, sem poder fazer operar o corte separador do inconsciente. Procedendo por continuidade, participam dessa lógica quando interpretam o texto literário com as noções da Psicanálise, provocando um escamoteamento do limite que o gozo instaura em cada prática da letra. Não há todo que possa suturar o furo que a sexualidade faz no real. Contrariando a lógica do *todo*,

<sup>4</sup> FREUD, S. Reunión científica del 13 de febrero de 1907. In: *Actas de la Sociedad Psicoanalítica de Viena*. Tomo I: 1906-1908, p. 134.

<sup>5</sup> LACAN, J. Préface à l'Éveil du printemps in *Autres écrits*, p. 561.

Moritz busca se localizar como exceção, posição pela qual é chamado de menina, não tendo outra saída senão a de se situar entre os mortos no mais além. Melchior, ao nomear-se como homem, não o fará como *todo*, mas como um entre outros, inscrevendo-se desse modo no laço social. A função do homem mascarado é primordial no encontro com o não-tudo que o despertar do gozo introduz no discurso. Freud vinculara o interrogatório a que ele é submetido no final do drama com o ponto de radical angústia do homem em relação a seu destino, como Édipo ante a Esfinge e cada criança ante a pergunta pela origem. Um furo apontado no saber.

Lacan lê no homem mascarado um dos nomes-do-Pai, não o que convém ao Pai, pois não há nome para ele, mas o nome enquanto ex-sistência que é o próprio *semblant*. Pois a função da máscara é a de ex-sistir ao lugar do vazio onde se situa  $\mathbb{A}$  mulher.

A Psicanálise constituiu seu saber em referência ao pai e ao falo como significando a castração. Os nomes do Pai (*Les non-dupes errent*, algo assim como “os não-tolos erram”) só podem ser escutados pelo efeito de uma escrita em que se lêem de outra maneira no equívoco. E isso tem conseqüências, tanto éticas como políticas. Dentre elas: dissipar a hegemonia do inconsciente para produzi-lo como ex-sistência a *um* discurso; escrever o falo na sua função de letra que difere de  $S(\mathbb{A})$ , o lugar do Outro como falha e de *a*, o objeto como perda em relação a essa falha. É sobre a letra  $\Phi$  que Lacan faz repousar a diferença entre a dramaturgia e a experiência analítica. Wedekind é dramaturgia e a sua escrita se faz com o corpo e com o gozo. Mas difere de uma experiência em que a letra faz ex-sistir os gozos enquanto os escreve.

É com a letra  $\Phi$  que se opera o aplanamento (*mise-à-plat*) do nó borromeo, como modo de fazer passar à escrita o encontro contingente com o Outro sexo e de estabelecer a função do(s) gozo(s) na sua ex-sistência de real.

A letra é efeito de discurso. Sua função, portanto, difere de um discurso a outro. O fato de tomar como equivalente a letra na Psicanálise e na Literatura provém, talvez, do erro à errância, do suporte que a escrita encontra no corpo do falante. Se a letra é o que se lê e se lê literalmente, Lacan aponta que não é da mesma ordem ler uma letra e ler.

Em relação à função do que se lê, o discurso analítico tem a especificidade de ter sido estabelecido a partir de um laço de palavra entre os falantes no campo de uma linguagem. Aí se radica a originalidade desse discurso que não é homogêneo a nenhum outro. A letra só pode se escrever a partir da articulação que o discurso analítico constrói e que se formula: não há relação sexual que possa se escrever. A escrita, e aqui estendemos mais um pouco a dimensão da letra, é efeito de discurso. Em função do que se lê – a falha já indicada por Freud no ato – determina-se a função da escrita em Psicanálise.

O discurso analítico escreve o real específico de sua prática, o do sexo inacessível à linguagem. A escrita, nesse discurso, se constitui como necessidade lógica da produção de uma borda, de um limite entre dimensões heterogêneas. Pela função da letra, faz-se possível a escrita do 2 inacessível. Como incide essa função na prática da letra que aqui nos convoca? Uma extensão do discurso analítico deve operar o corte certo que faça ex-sistir na Literatura, se é que há uma, o real que a habita.



## RESUMEN

Hoy no se trata de sustentar, como lo hicieron los primeros psicoanalistas, que los poetas “ya sabían” el inconsciente “avant la lettre”. Hay una suposición de escritura en el inconsciente a partir de la lectura de los sueños y la Literatura, todavía, se escribe con letras. ¿Se escribe, no obstante, de modo análogo en un discurso y en outro? La letra, como efecto de discurso, es diferente en cada uno de ellos, diferencia que reposa en la función de lo que se lee, literalmente. Hay un real específico en psicoanálisis que el discurso analítico posibilita, con la letra, escribir.

## PALABRAS-CLAVE

el inconsciente como escritura, ex-sistencia del inconsciente, la letra en los discursos

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACAN, J. Le Séminaire, livre XX. *Encore*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

LACAN, J. Le Séminaire, livre XXI. *Les non-dupes errent*, inédito.

LACAN, J. Préface à l'Éveil du printemps In: \_\_\_\_\_. *Autres écrits*, Paris: Éditions du Seuil, 2001. p. 561.

FREUD, S. El delirio y los sueños en la «Gradiva» de W. Jensen (1907[1906]). In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. IX. 1999. p. 34.

FREUD, S. Reunión científica del 13 de febrero de 1907. In: *Actas de la Sociedad Psicoanalítica de Viena*. Tomo I: 1906-1908. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1979. p. 133.